

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Chanceler:

Dom Dadeus Grings

Reitor:

Joaquim Clotet

Vice-Reitor:

Evilázio Teixeira

Conselho Editorial:

Ana Maria Tramunt Ibaños
Antoninho Muza Naime
Beatriz Franciosi
Dalcídio Cláudio
Draiton Gonzaga de Souza
Elvo Clemente
Ivan Izquierdo
Jacques Wainberg
Jorge Campos da Costa
Jorge Luis Nicolas Audy (Presidente)
Juremir Machado
Lauro Kopper Filho
Luiz Antonio de Assis Brasil
Magda Lahorgue Nunes
Maria Helena Abrahão
Marília Gerhardt de Oliveira
Mirian Oliveira
Urbano Zilles
Vera Lúcia Strube de Lima

Diretor da EDIPUCRS:

Antoninho Muza Naime

Editor-Chefe:

Jorge Campos da Costa

Leda Bisol
(ORG.)

INTRODUÇÃO A ESTUDOS
DE FONOLOGIA
DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

4ª edição
revista e ampliada



Porto Alegre
2005

só conserva o traço comum da nasalidade” (1984, p. 30). O arquifonema nasal /N/ é “o fato estrutural básico, que acarreta, como traço acompanhante, a ressonância nasal da vogal” (1970, p. 49).

A vogal nasal é, então, admitida por Câmara Jr. como vogal mais elemento nasal – um arquifonema nasal – na mesma sílaba. Ex.: /kaNpo/, /seNda/, /leNda/.

5.1.3.2 Outras propostas

Lopez (1979) segue a idéia de Câmara Jr. de que não existem, em português, vogais nasais, e sim vogais nasalizadas por uma consoante nasal em final de sílaba.

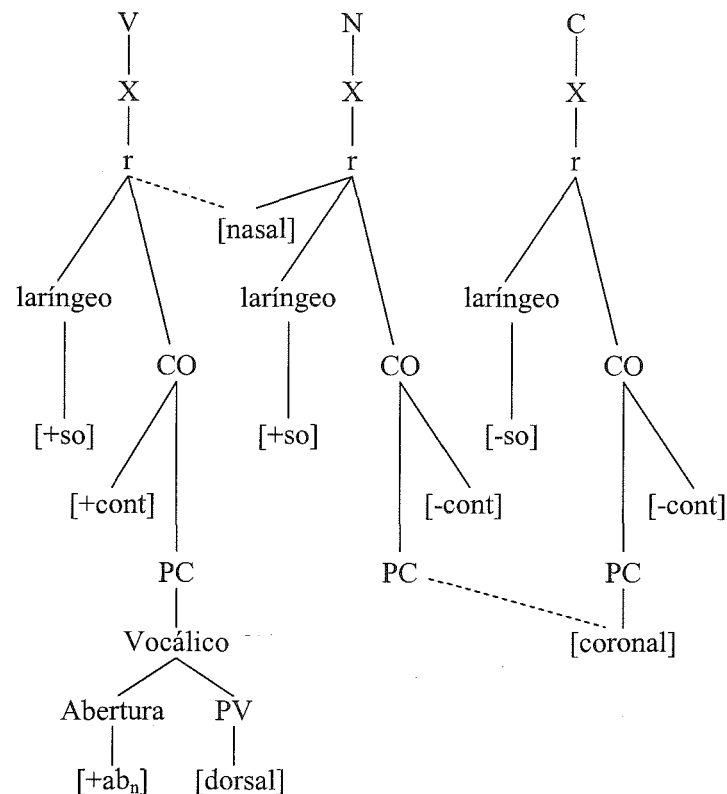
A diferença fundamental em relação à proposta de Câmara Jr. é que Lopez interpreta a nasal pós-vocálica como consoante plenamente especificada, isto é, uma coronal, assim como Mateus (1975), proposta sustentada em alternâncias do tipo *fim-finar*, *bem-benefício*, *lã-lanificio*, etc. A consoante nasal coronal manifesta-se, pois, no vocábulo derivado.

Lopez, assim como Câmara Jr., também admite que a consoante nasal pós-vocálica sofre um processo assimilatório, mas faz a seguinte observação: se o segmento seguinte for [- contínuo] (*banco*, *manta*, *rampa*), uma nasal homorgânica à consoante vizinha pode ser detectada; se for [+ contínuo] (*convite*, *franja*, *manso*), uma consoante transicional pode ocorrer, mas não consistentemente. A vogal nasalizada em ambos os casos é o produto de um processo de assimilação.

Wetzels (1988, 1997), assim como Câmara Jr., deriva os padrões nasais de uma seqüência VN subjacente, em que N não está plenamente especificado. Segundo esses autores, as diferentes manifestações de superfície de nasalidade antes de consoantes orais, no português brasileiro, devem-se ao fato de as consoantes nasais serem segmentos incompletos em posição de coda da sílaba. Nos termos da Fonologia Autossegmental, falta-lhes o nó de ponto de articulação (PC), como se vê na representação abaixo, concernente a uma seqüência de nasal e oclusiva, em que a vogal assimila a nasalidade de N, e N, o ponto de articulação da oclusiva:⁴

⁴ Segundo Piggott (1987), [nasal] está diretamente ligado à raiz.

(6) canto ['kẽntũ]



A nasal subespecificada espalha-se para a vogal precedente, criando a vogal nasal; por outro lado, N recebe o traço [coronal] da consoante seguinte, o que lhe permite vir à superfície como um segmento. Assim /kaNto/ manifesta-se como ['kẽntũ]. Se, em vez de tomar o traço articulatorio da consoante, tomar o da vogal, então surge a variante ['kẽntũ]. A terceira variante, ['kẽtũ], resulta do apagamento da nasal.

É a ausência de especificação para o nó Pontos de C, então, o que origina diferentes manifestações de superfície da nasalidade em interior de vocábulo. Conforme Cagliari (1977), a mesma seqüência VN pode ser pronunciada como uma vogal nasal; como uma vogal nasal seguida de consoante nasal homorgânica à vogal; ou como uma vogal nasal seguida de consoante homorgânica à consoante seguinte:

- (7) /'kaNta/ ['kãta] ['kãnta] ['kãnta]
 /'peNti/ ['pêti] ['pênti] ['pênti]
 /'eNfi/ ['êfi] ['ênti] ['ênti]
 /'oNsa/ ['õsa] ['õnta] ['õnta]

(Cagliari, 1977, p. 38)

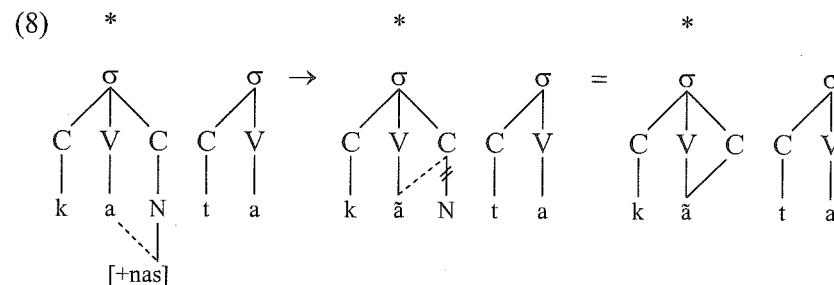
A terceira coluna, acima, apresenta um fato interessante: a nasal em superfície é homorgânica apenas a consoantes [- contínuo]. A nasal não assimila ponto de consoantes [+ contínuo].

Sobre essas possibilidades de pronúncia, Wetzels (1988, p. 7) assinala pontos em comum: todas as seqüências com nasal são foneticamente longas, pois contêm duas moras. A segunda dessas moras é um segmento flutuante com traços de lugar derivados da consoante seguinte ou da vogal precedente, dependendo do contexto.

Moraes e Wetzels (1992), num estudo sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais na linha da Fonologia Experimental,⁵ constata-ram o seguinte:

- a vogal nasal (*tampa*) é mais longa que a oral (*tapa*), tanto em contexto tônico como pretônico (*tampa* x *tampado*);
- a vogal nasalizada (*cama*) é ligeiramente mais breve que a oral (*cala*);
- a vogal nasal é mais longa que a oral diante de oclusivas (*campo*) e menos longa que a oral diante de fricativa (*canso*).

Considerando-se a vogal nasal como VN e admitindo-se que o processo mais geral seja a queda do elemento consonântico nasal, o processo de nasalização ocorre da seguinte maneira: (a) o elemento nasal nasaliza a vogal precedente e (b) cai, acarretando o alongamento compensatório da vogal já nasalizada, que passa a ocupar duas posições temporais, representadas por VC no tier temporal. Segundo Moraes e Wetzels (1992, p. 156), o processo assim pode ser representado:



Tomando-se, pois, por referência⁶ estudos como os de Câmara Jr., Lopez, Wetzels, entre outros, a nasal é unanimemente entendida, na subjacência, como uma seqüência de dois segmentos: VN. A vogal nasalizada pura é sempre uma manifestação apenas de superfície. Por conseguinte, o sistema fonológico do português não fica alterado, pela presença da nasalidade vocálica, quanto ao número de segmentos que o compõem: sete são as vogais.

5.1.3.3

Os ditongos nasais

Com respeito ao ditongo nasal, típico da posição final, há diferentes propostas.

Câmara Jr. (1970, p. 50) considera-o um ditongo mais arquifonema nasal, em que o glide é oriundo da vogal temática: /auN/, por exemplo, com /N/ na posição de coda, o que tem sido criticado porque o padrão silábico do português só admite /S/ em C₂ de VCC.

Wetzels (1997, p. 222-27) trata como ditongos lexicalizados [ẽw], de formas nominais como *canhão*, [ẽj] de *mãe* e [ũj] de *muito*. Admite também certo grau de lexicalização nos demais ditongos, que são derivados: em *fala* e *falavam*, por exemplo, a nasalidade da vogal temática ou do morfema de imperfeito é proveniente do sufixo flexional, que o autor pressupõe ser subjacentemente /ũ/:

- (9) fal + a + ã > falaũ ['falẽw]
 fal + a + va + ã > falavaũ [fa'lavẽw]

⁵ A Fonologia Experimental (cf. Ohala e Jaeger, 1986) é uma linha de estudos fonético-fonológicos que visa à obtenção de evidências empíricas (fonéticas) para validar hipóteses fonológicas.

⁶ Outras propostas existem na linha do primeiro estruturalismo que defendem a existência, no sistema, de vogais nasais, assim como na gerativa. Ver, para detalhes, Moraes e Wetzels, 1992.

Bisol (1998) pressupõe dois processos de nasalização. Considera derivados todos os ditongos, menos os que ocorrem no interior de palavra, como em *caimbra* e *muito*. Esses são lexicalizados em virtude de seu caráter excepcional.

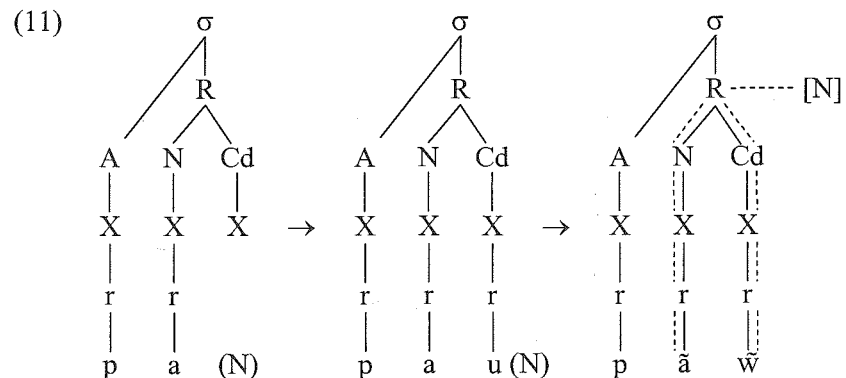
Os processos são os seguintes:

- i) de assimilação, em que N se expande para a vogal e adquire os traços articulatórios da consoante seguinte ou da vogal por ele nasalizada;
- ii) de estabilidade, que associa à rima uma nasal flutuante e estável, que não recebe traços articulatórios.

O primeiro cria a vogal nasal interna (*canto, senda, samba*) ou o ditongo externo de caráter variável em palavras sem vogal temática (*homem, fórum, jardim*). O processo é o mesmo representado em (6), com a diferença de que, em final de palavra, a assimilação é mútua: N nasaliza a vogal e esta cria o glide homorgânico:

- (10) saNba → sãmba seNda → sênda
 omeN → omêy ~ omêɲ fɔruN → fɔrũw̃ ~ fɔrũɲ

O segundo cria o verdadeiro ditongo nasal em palavras com vogal temática: *irmão, põe, pão*. N é desassociado porque não adquire traços articulatórios e, graças aos efeitos da estabilidade (Goldsmith, 1976), mantém-se flutuante. A vogal temática entra na posição do molde silábico deixada vazia por N, e este é reassociado à rima, de onde percola até os segmentos terminais. Uma regra geral converte em alta a vogal média ao lado de outra vogal; e uma regra universal que cria ditongos forma o glide. É dessa forma que (11) representa a derivação de um ditongo nasal.



onde (N) significa nasal flutuante.

Outras análises mereceriam ser resumidas, como a de Parkinson (1983), que atribui a VN uma estrutura de ditongo; Magalhães (1990), na linha de Charme e Governo; Girelli (1988) em termos de Teoria X-barras; Morales-Front e Holt (1997) na linha da Otimidade, e Battisti (1997) com 'anusvara' e Otimidade. O tema é bastante complexo e rico. A intenção foi apenas introduzi-lo.

5.2

AS VOGAIS DO PORTUGUÊS: UMA VISÃO AUTOSSEGMENTAL

Como vimos, o português brasileiro apresenta um número diferente de vogais em posição tônica e nas posições átonas da palavra: há sete vogais tônicas, que se reduzem a cinco diante de consoante nasal na sílaba seguinte; cinco vogais pretônicas, quatro postônicas não-finais e apenas três postônicas em final de palavra. Essa diminuição do número de vogais se dá principalmente pela perda de contraste na série das médias.

5.2.1

Neutralização das vogais médias átonas

Pelo modelo da Fonologia Autossegmental, em que as distinções de altura são representadas através de traços de abertura, as vogais tônicas do português recebem a seguinte definição:

(12)	abertura	i/u	e/o	ɛ/ɔ	a
	aberto 1	-	-	-	+
	aberto 2	-	+	+	+
	aberto 3	-	-	+	+

(Wetzels, 1992, p. 22)

A distinção entre médias altas e baixas deve-se a [aberto 3]. Wetzels (1993) salienta que, se os valores desse nível forem apagados, desfaz-se a oposição média alta/média baixa, e o que se tem é um sistema de cinco vogais, e não de sete. É isso que ocorre na neutralização de vogais átonas pretônicas no português, que Wetzels (op. cit.) assim representa: